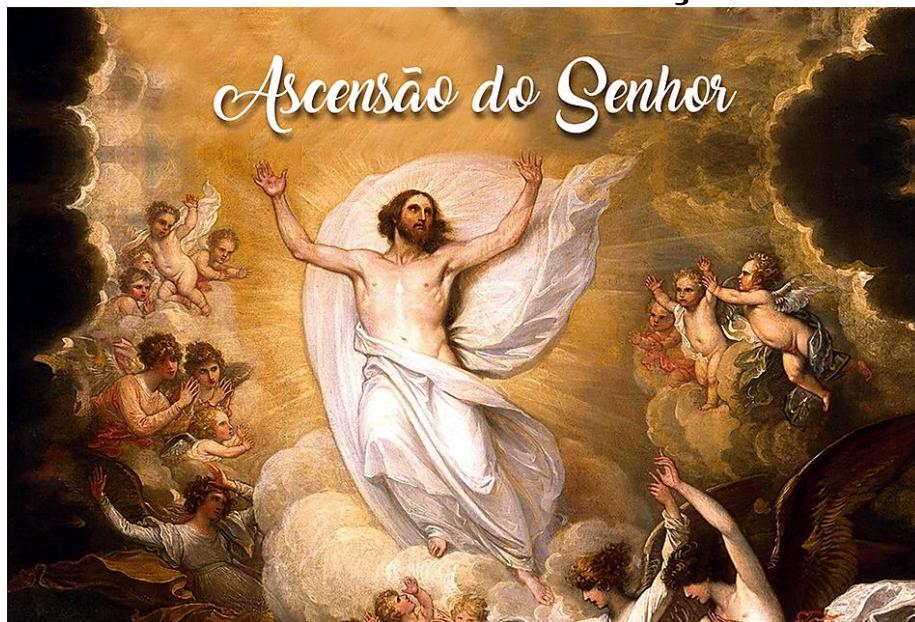


Solenidade da Ascensão do Senhor - Ano C – 01 junho 2025

59º Dia Mundial das Comunicações Sociais



Viver a Palavra

Depois de ter ressuscitado e se ter manifestado aos Seus discípulos, Jesus «levou os discípulos até junto de Betânia». Este local será sempre lugar de acolhimento, amizade e intimidade. Lugar para servir o Mestre com a dedicação ativa de Marta e com a escuta contemplativa de Maria. E é, precisamente neste lugar, que Jesus renova no coração dos discípulos o amor e a intimidade e «erguendo as mãos, abençoou-os» e «enquanto os abençoava, afastou-Se deles e foi elevado ao Céu».

Segundo o livro dos Atos dos Apóstolos esta bênção é acompanhada por uma promessa: «esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu». E esta promessa possui como garantia o dom do Espírito que os constitui testemunhas: «recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da terra».

A Ascensão de Jesus coloca-nos de olhar fito no Céu contemplando o dom da Sua bênção. Na Sagrada Escritura, a bênção é sempre lugar de ação de graças, de fecundidade e de vida. Ao partir para ficar connosco de um modo novo, Jesus não deixa um juízo ou um lamento, mas uma palavra bela sobre nós e sobre o mundo, uma palavra de enorme desafio e confiança sobre a nossa história. E não tenho dúvidas que a terá proferido com um sorriso.

Como os discípulos, olhando o Céu, recordamos a meta da nossa caminhada. Somos peregrinos a caminho do Céu, chamados à santidade tal como nos recorda a oração coleta da missa: «a ascensão de Cristo, vosso Filho, é a nossa esperança: tendo-nos precedido na glória como nossa Cabeça, para aí nos chama como membros do seu Corpo». Porém, curiosamente a narrativa da Ascensão no Livro dos Atos dos Apóstolos estabelece uma continuidade entre a vinda gloriosa do Senhor e o seu caminhar histórico, pois o verbo grego usado para designar a partida de Jesus para o Céu é o mesmo que indica o caminho que Ele realiza pelas estradas da Judeia e da Galileia. Deste modo, a vinda escatológica de Jesus está em estreita ligação com o Seu caminho quotidiano. O Jesus, que sobe ao Céu e que virá um dia na glória, é Aquele que percorreu os caminhos da Palestina, anunciando uma mensagem de Paz e Perdão, estabelecendo gestos de proximidade, bondade e misericórdia. Por isso, para conhecer Jesus, confessá-lo e testemunhá-lo com a vida não é necessário olhar o Céu, mas recordar os Seus passos, contemplar os Seus gestos e deixar-se apaixonar pelo amor depositado na Sua entrega. Testemunhar é dar rosto Àquele que não está visível, mas que se faz tangível nos gestos concretos de amor e misericórdia que os Seus discípulos são chamados a realizar.

A Ascensão de Jesus inaugura o tempo da Igreja e estabelece os discípulos como continuadores da obra redentora de Cristo, para que o anúncio do arrependimento e do perdão possa chegar a todos os lugares, a todas as pessoas e todas as situações. O arrependimento e a conversão não são um imperativo, mas uma oferta, não são um dever, mas uma oportunidade para que a nossa vida possa ser um lugar de beleza e o mundo um lugar mais feliz. O perdão não é um apagar ingênuo do passado, mas sinal e prova do amor criador que renova todas as coisas, cura as feridas e inaugura um tempo novo. Deste modo, como anunciadores da conversão e do perdão,

os discípulos de Jesus tornam-se testemunhas do amor misericordioso do Pai e na força do Espírito fazem ecoar no mundo a certeza de que Jesus está vivo e acompanha a Sua Igreja na missão evangelizadora. *in Dehonianos*

Neste Domingo, Solenidade da Ascensão do Senhor, assinala-se o 59.º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Para este ano, o Santo Padre, o Papa Francisco deixou uma mensagem intitulada: «*Partilhai com mansidão a esperança que está nos vossos corações (cf. 1 Pd 3,15-16)*» (**ver anexo**). Para que este dia não seja assinalado apenas com o ofertório para os Meios de Comunicação Social, pastoralmente será muito útil apresentar a importância das comunicações sociais como lugar de anúncio e comunicação da verdade, como instrumento de serviço e de construção de um mundo melhor. Além disso, poderá ser importante a realização de um encontro de reflexão e aprofundamento desta mensagem do Papa Francisco que apresenta um conjunto de desafios e interpelacões acerca da arte da escuta

A caminho do Pentecostes, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025** -, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Atos dos Apóstolos 1,1-11

No meu primeiro livro, ó Teófilo,
narrei todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar,
desde o princípio até ao dia em que foi elevado ao Céu,
depois de ter dado, pelo Espírito Santo,
as suas instruções aos Apóstolos que escolhera.
Foi também a eles que, depois da sua paixão,
Se apresentou vivo, com muitas provas,
aparecendo-lhes durante quarenta dias
e falando-lhes do reino de Deus.
Um dia em que estava com eles à mesa,
mandou-lhes que não se afastassem de Jerusalém,
mas que esperassem a promessa do Pai,
«da Qual – disse Ele – Me ouvistes falar.
Na verdade, João batizou com água;
vós, porém, sereis batizados no Espírito Santo,
dentro de poucos dias».
Aqueles que se tinham reunido começaram a perguntar:
«Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?»
Ele respondeu-lhes:
«Não vos compete saber os tempos ou os momentos
que o Pai determinou com a sua autoridade;
mas receberéis a força do Espírito Santo,
que descerá sobre vós,
e sereis minhas testemunhas
em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria
e até aos confins da terra».
Dito isto, elevou-Se à vista deles
e uma nuvem escondeu-O a seus olhos.
E estando de olhar fito no Céu, enquanto Jesus Se afastava,
apresentaram-se-lhes dois homens vestidos de branco,
que disseram:
«Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu?
Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu,
virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu».

CONTEXTO

O livro dos “Atos dos Apóstolos” constitui a segunda parte da obra de Lucas. Depois de ter apresentado, na primeira parte (o “Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas”), “o tempo de Jesus”, Lucas completa a sua obra apresentando “o tempo da Igreja”: é o “tempo” em que a proposta de salvação de Deus é levada ao encontro do mundo pela comunidade de Jesus (a “Igreja”), animada e conduzida pelo Espírito Santo.

O livro dos Atos aparece algum tempo depois do terceiro Evangelho, nos últimos anos da década de 80 do primeiro século. Dirige-se a comunidades cristãs de língua grega, provavelmente comunidades que nasceram do trabalho missionário de Paulo de Tarso. São comunidades que, por essa altura, passam algumas dificuldades quanto ao compromisso com a fé: passou já a fase da expectativa pela vinda iminente do Cristo glorioso para instaurar o “Reino” e há uma certa desilusão porque essa vinda não se concretizou; as questões doutrinais causam confusões e conflitos internos; a monotonia favorece uma vida cristã pouco comprometida... Resultado: há já algum tempo que as comunidades cristãs se instalaram na mediocridade, falta-lhes o entusiasmo e o empenho na construção e no testemunho do Reino de Deus.

Nos Atos dos Apóstolos, Lucas procura deixar claro que o projeto de salvação que Jesus veio apresentar não pode ficar parado. Enquanto Jesus não volta, são os seus discípulos que têm de continuar a propor ao mundo a salvação de Deus. Eles devem, com alegria e entusiasmo, ser testemunhas de Jesus e do seu Evangelho em todos os cantos da terra. Foi essa a tarefa de que Jesus os incumbiu quando voltou para o Pai.

O texto que a liturgia do Domingo da Ascensão nos propõe como primeira leitura, é precisamente o início do livro dos Atos dos Apóstolos. Apresenta a despedida de Jesus, o seu regresso ao Pai, e a entrega da missão aos discípulos.

A despedida de Jesus teria acontecido em Jerusalém, após uma refeição com os discípulos (cf. At 1,4.9). No Evangelho, Lucas é ainda mais explícito: foi em Betânia, uma localidade situada no cimo do Monte das Oliveiras, mesmo em frente da cidade de Jerusalém, que Jesus se despediu dos discípulos e, à vista deles, subiu ao céu (cf. Lc 24,50). De acordo com o esquema teológico de Lucas, Jerusalém é o lugar onde a salvação irrompe (de acordo com a mentalidade judaica, é em Jerusalém que o Messias deve manifestar-se e que a sua proposta libertadora se há de concretizar na vida de Israel), e também o lugar de onde a salvação de Jesus parte para ir ao encontro do mundo.

Hoje, em Jerusalém, uma pequena capela em formato octogonal, situada no cimo do Monte das Oliveiras, faz memória da Ascensão de Jesus ao céu. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A ascensão de Jesus deve ser vista no contexto de toda a sua vida. Ele veio ao encontro dos homens, caminhou no meio deles, procurou viver na fidelidade ao projeto do Pai, pagou com a própria vida o seu compromisso com a construção do Reino de Deus. Mas Deus não aceitou que a maldade vencesse e libertou Jesus da escravidão da morte; e Jesus, glorificado por Deus, entrou definitivamente na glória do Pai. A ascensão de Jesus diz-nos qual é o destino final daqueles que, como Ele, vivem na fidelidade aos projetos de Deus: estão destinados à glorificação, à comunhão definitiva com Deus. Contemplando a ascensão de Jesus, percebemos qual é a meta do nosso caminho: a Vida plena junto do Pai. Isto dá um novo sentido à nossa vida, às nossas lutas, ao nosso compromisso, à nossa entrega à construção do Reino de Deus. Não caminhamos ao encontro do vazio, do nada, mas caminhamos ao encontro da Vida definitiva nos braços de Deus, como Jesus. Temos consciência disso? Essa consciência alimenta a nossa entrega, o nosso compromisso, a nossa fidelidade ao projeto de Deus?
- É bem significativo que a “partida” de Jesus apareça associada ao envio dos discípulos. Jesus, terminada a sua missão, foi ter com o Pai; mas aquilo que Ele começou não está concluído. Agora a missão que o Pai tinha confiado a Jesus passa para as mãos dos seus discípulos. Como Jesus, eles têm a tarefa de ir pelo mundo curar, dar Vida, lutar contra o sofrimento e a morte, testemunhar com palavras e gestos a salvação de Deus. “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo” – disse-lhes Jesus ao partir para o Pai. A comunidade dos discípulos é uma comunidade “missionária”: todos os discípulos são “enviados” a dar testemunho de Jesus e do seu projeto, em todo o tempo e em todos os lugares. Sentimo-nos “missionários” de Jesus no nosso mundo, mensageiros da salvação de Deus em todos os lugares onde a vida nos leva?
- Jesus garantiu aos discípulos que iriam receber uma força, a do Espírito Santo, que os capacitaria para serem testemunhas da salvação de Deus em toda a terra. Trata-se de uma “promessa” decisiva. Não estamos sozinhos, entregues à nossa sorte, às nossas decisões falíveis, aos nossos medos e contradições. Através do Espírito é o próprio Jesus que nos acompanha, que nos orienta, que nos dá força para levar para a frente a missão. Estamos conscientes da presença do Espírito nas nossas

vidas e na vida das nossas comunidades cristãs? Procuramos escutar o Espírito e discernir os desafios de Deus que Ele nos traz?

- “Porque estais assim a olhar para o céu?” – perguntam os “dois homens vestidos de branco” aos discípulos de Jesus, após a ascensão. É frequente ouvirmos dizer que os seguidores de Jesus passam muito tempo a olhar para o céu e negligenciam o seu compromisso com a transformação do mundo. Estamos, efetivamente, atentos aos problemas e às angústias dos homens, ou vivemos de olhos postos no céu, num espiritualismo alienado? Sentimo-nos questionados pelas inquietações, pelas misérias, pelos sofrimentos, pelos sonhos, pelas esperanças que enchem o coração dos que nos rodeiam? Sentimo-nos solidários com todos os homens, particularmente com aqueles que sofrem? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 46 (47)

Refrão 1:

**Por entre aclamações e ao som da trombeta,
ergue-Se Deus, o Senhor.**

Refrão 2:

**Ergue-se, Deus, o Senhor,
em júbilo e ao som da trombeta.
Povos todos, batei palmas,
aclamai a Deus com brados de alegria,
porque o Senhor, o Altíssimo, é terrível,
o Rei soberano de toda a terra.
Deus subiu entre aclamações,
o Senhor subiu ao som da trombeta.
Cantai hinos a Deus, cantai,
cantai hinos ao nosso Rei, cantai.
Deus é Rei do universo:
cantai os hinos mais belos.
Deus reina sobre os povos,
Deus está sentado no seu trono sagrado.**

LEITURA II – Efésios 1,17-23

Irmãos:

O Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória,
vos conceda um espírito de sabedoria e de luz
para O conhecerdes plenamente
e ilumine os olhos do vosso coração,
para compreenderdes a esperança a que fostes chamados,
os tesouros de glória da sua herança entre os santos
e a incomensurável grandeza do seu poder
para nós os crentes.

Assim o mostra a eficácia da poderosa força
que exerceu em Cristo,
que Ele ressuscitou dos mortos
e colocou à sua direita nos Céus,
acima de todo o Principado, Poder, Virtude e Soberania,
acima de todo o nome que é pronunciado,
não só neste mundo,
mas também no mundo que há de vir.
Tudo submeteu aos seus pés
e pô-l’O acima de todas as coisas
como Cabeça de toda a Igreja, que é o seu Corpo,
a plenitude d’Aquele que preenche tudo em todos.

CONTEXTO

Éfeso era uma cidade situada na costa da Jónia, a cerca de três quilómetros da moderna Selçuk, província de Esmirna, na atual Turquia. Durante o período romano chegou a ser a segunda cidade do império, logo a seguir a Roma. Era famosa pelo Templo de Ártemis, uma das sete maravilhas do mundo antigo, e pelo seu enorme

teatro, com capacidade para cerca de 25.000 espetadores. Era também conhecida pela excelência das suas escolas filosóficas, pela sua vida cultural e por ser o principal centro comercial do Mediterrâneo.

Paulo passou em Éfeso durante a sua terceira viagem missionária e permaneceu na cidade durante um longo período (mais de dois anos, segundo At 19,10). Reuniu à sua volta um número considerável de pessoas convertidas ao “Caminho” (At 19,9.23); e assim, à volta da sua pregação e do seu testemunho, desenvolveu-se uma comunidade cristã numerosa e entusiasta. Foi aos anciãos da Igreja de Éfeso que Paulo confiou, em Mileto (cf. At 20,17-38), o seu testamento espiritual, apostólico e pastoral antes de ir a Jerusalém, onde acabaria por ser preso. Tudo isto faz supor uma relação muito estreita entre Paulo e a comunidade cristã de Éfeso. Estranhamente, a Carta aos Efésios não reflete essa relação.

Na verdade, a carta está escrita num tom impessoal, sem referências a pessoas ou a circunstâncias concretas. Parece estranho que Paulo, depois de ter passado um tempo relativamente longo em Éfeso, escrevesse uma carta sem deixar transparecer a relação estreita que o unia aos Efésios. Alguns duvidam, por essa razão, da autenticidade paulina da Carta aos Efésios; mas outros consideram que o texto que chegou até nós com a designação de “Carta aos Efésios”, poderia ser um dos exemplares de uma “carta circular” enviada a várias igrejas da Ásia Menor (também à Igreja de Éfeso), numa altura em que Paulo estava na prisão, talvez em Roma. Ora, uma carta desse tipo não poderia ser uma carta muito pessoal. Tíquico, o portador da carta, tê-la ia distribuído pelas Igrejas da zona. Estaríamos, provavelmente, pelos anos 58/60.

O tema central da Carta aos Efésios é o projeto salvador de Deus (aquilo a que Paulo chama “o mistério”): definido desde toda a eternidade, permaneceu oculto ao entendimento dos homens durante séculos, até que foi dado a conhecer em Jesus e revelado aos apóstolos. O projeto salvador de Deus concretiza-se, agora, na Igreja, Corpo de Cristo, sacramento de salvação, onde judeus e pagãos se encontram e vivem em unidade.

O texto da Carta aos Efésios que nos é proposto como segunda leitura neste domingo da Ascensão, integra a primeira parte da carta, que reflete sobre o “Mistério” de Cristo e da Igreja (cf. Ef 1,3-3,21). Ao hino de louvor a Deus pelo seu plano de salvação, concretizado em Cristo (cf. Ef 1,3-14), segue-se uma ação de graças pela fé dos efésios e pela caridade que eles manifestam para com todos os irmãos na fé (cf. Ef 1,15-23). *in Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- No dia em que celebramos a ascensão de Jesus ao céu, Paulo pede a Deus que “ilumine os olhos” do nosso coração para termos sempre presente “a esperança a que fomos chamados”. É um pedido que faz sentido. Curvados pelo cansaço do caminho, seduzidos pelos apelos de um mundo que vive “a prazo”, encandeados pelo brilho falso dos valores passageiros, podemos ceder à tentação de caminhar de olhos postos no chão, limitando-nos a seguir a corrente e a aproveitar algumas migalhas de felicidade efémera. Mas a ascensão de Jesus fala-nos de um projeto de vida com dimensão de eternidade e de plenitude. Qual o cenário de fundo que domina a nossa caminhada: o da terra, sempre muito rasteiro e limitado, ou o horizonte largo do mundo de Deus, de onde o nosso irmão Jesus nos chama?
- É bela e sugestiva a imagem da Igreja como um “corpo” do qual Cristo é a “cabeça”. Todos nós, membros vivos desse “corpo”, estamos ligados a Cristo. É Ele o nosso “centro”, a nossa referência, a nossa fonte de Vida. A imagem também nos lembra a comunhão, a solidariedade, os laços fraternos que unem todos aqueles que integram esse “corpo”, apesar das diferenças e distâncias que possam existir entre nós. Estas duas coordenadas estão presentes na nossa experiência de fé? Procuramos manter permanentemente a nossa ligação a Jesus e fazer d’Ele o centro à volta do qual construímos toda a nossa existência? Sentimo-nos ligados aos nossos irmãos na fé e procuramos, com eles e junto deles, viver o mandamento do amor que Jesus nos deixou?
- A Igreja é a “plenitude” de Cristo. Nela Cristo reside no mundo e nela Cristo continua a oferecer ao mundo a plenitude da salvação de Deus. Os homens e mulheres do nosso tempo, quando olham para a Igreja, encontram Cristo e a proposta de salvação que Cristo veio trazer? Nós, membros da Igreja, damos testemunho coerente e verdadeiro de Cristo e do Evangelho?

(Nota: em vez desta leitura, pode-se escolher a seguinte leitura facultativa: Ef 4,1-13) *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 24,46-53

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

«**Está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém.**
Vós sois testemunhas disso.

**Eu vos enviarei Aquele que foi prometido por meu Pai.
Por isso, permanecei na cidade,
até que sejais revestidos com a força do alto». Depois Jesus levou os discípulos até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, afastou-Se deles e foi elevado ao Céu. Eles prostraram-se diante de Jesus, e depois voltaram para Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus.**

CONTEXTO

Depois da prisão de Jesus (cf. Lc 22,4753), os discípulos tinham praticamente desaparecido de circulação. Pedro ainda tinha seguido os soldados do Templo que levavam Jesus para o palácio do sumo sacerdote, mas tinha negado qualquer ligação ao seu Mestre (cf. Lc 22,54-62). Quando Jesus morreu na cruz, “os seus conhecidos e as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia mantinham-se à distância, observando estas coisas” (Lc 23,49).

Depois, na manhã de Páscoa, as mulheres que tinham vindo com Jesus desde a Galileia e que tinham visto onde o corpo de Jesus fora depositado (cf. Lc 23,55-56), foram ao sepulcro, mas encontraram o túmulo vazio e receberam o anúncio de que Jesus estava vivo. Foram contar a novidades aos outros discípulos de Jesus, “mas as suas palavras pareceram-lhes um desvario, e eles não acreditaram nelas” (Lc 24,11). Contudo, nesse mesmo dia, Jesus fez-se companheiro de caminho de dois discípulos que iam a caminho de uma povoação chamada Emaús (cf. Lc 24,13-35); e, logo depois, apareceu aos Onze (cf. Lc 24,36-43). É a reentrada em cena do grupo dos discípulos.

No texto evangélico que a liturgia do domingo da Ascensão nos convida a escutar, Jesus ressuscitado está com os discípulos e deixa-lhes as suas últimas instruções (cf. Lc 24,44-49). Depois sobe ao céu, ao encontro do Pai (cf. Lc 24,50-53). A cena da Ascensão de Jesus é colocada “junto de Betânia”. Betânia (a atual al-Azariye) é uma pequena aldeia situada no lado oriental do Monte das Oliveiras, a cerca de três quilómetros de Jerusalém. Era em Betânia que viviam Lázaro, Marta e Maria, amigos de Jesus (cf. Jo 11; Lc 10,38-42).

No livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas refere-se à ressurreição, aparições de Jesus ressuscitado aos discípulos e ascensão ao céu como acontecimentos separados no tempo, vivenciados ao longo de quarenta dias (cf. At 1,3). No Evangelho, porém, todos esses acontecimentos são colocados no espaço de um dia, o que parece mais correto do ponto de vista teológico: ressurreição e ascensão não se podem diferenciar; são apenas formas humanas de falar da passagem da morte à vida definitiva junto de Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A partida de Jesus, a sua entrada definitiva no mistério do Pai, marca uma etapa nova na história da salvação. Nesse dia começa o tempo da Igreja, o tempo em que a responsabilidade de testemunhar a salvação de Deus fica nas mãos dos discípulos. Eles acolheram o convite de Jesus, dispuseram-se a segui-l'O, ouviram as suas palavras, viram os seus gestos, aprenderam as suas lições, foram formados na sua “escola”. Conhecem o projeto de Jesus e adotaram-no como projeto de vida. É altura de se mostrarem adultos e responsáveis na vivência da fé. Não podem continuar “á boleia” de Jesus, à espera de que Jesus faça tudo. Compete-lhes agora continuarem no mundo, com alegria, criatividade e compromisso, a obra libertadora e salvadora de Jesus. Sentimos esta responsabilidade? Somos capazes de vencer os nossos medos e as nossas hesitações, a nossa preguiça e o nosso comodismo, para nos assumirmos como testemunhas coerentes e comprometidas de Jesus e do seu projeto?
- No Evangelho segundo Lucas, Jesus envia os discípulos a pregar em seu nome “a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém”. A missão dos discípulos é a mesma que Jesus cumpriu, por mandato do Pai: libertar os homens das cadeias do egoísmo e do pecado e anunciar-lhes o amor, a bondade, a misericórdia, a ternura de Deus por todos os seus filhos. Desde o momento em que Jesus se despediu dos discípulos até hoje, passaram-se cerca de dois mil anos; mas a tarefa dos discípulos de Jesus continua a ser a mesma. O nosso anúncio é uma “boa notícia” que liberta do medo e que acende a esperança? Anunciamos e testemunhamos o amor misericordioso de Deus? Estamos empenhados em combater a injustiça, a violência, o egoísmo, a indiferença, tudo aquilo que gera escravidão e opressão? Os doentes, os prisioneiros, os que a todo o momento veem pisados os seus direitos e a sua dignidade, os que são “marcados” e excluídos por serem “diferentes”, podem contar com a nossa solidariedade ativa, com o nosso amor, com o nosso esforço para os libertar da opressão do “pecado” e para lhes levar Vida?

- A missão que Jesus confiou aos discípulos é uma missão universal: as fronteiras, as raças, as diferenças culturais, as diferenças ideológicas, as diferenças de estatuto social, as marcas da vida, os “acidentes” pessoais que tornam cada pessoa única e diferente, não podem ser obstáculos para a presença da proposta libertadora de Jesus no mundo. Temos consciência de que Jesus nos envia a todas as pessoas, independentemente daquilo que as torna diferentes, “estranhas”, singulares? Nas nossas comunidades cristãs há lugar para todos, sejam quais forem as situações de vida ou as feridas que cada um carrega?
- Ao chegar o momento da sua partida para o Pai, Jesus prometeu aos discípulos que iria enviar-lhes o prometido do Pai, o Espírito Santo, que os revestiria da “força do alto”. Portanto, os discípulos de Jesus não foram deixados sozinhos frente a uma obra colossal, que os esmaga pela sua dificuldade e amplitude. Os discípulos de Jesus são, em cada passo do caminho que percorrem, animados e guiados pelo Espírito de Deus, o mesmo Espírito que animava Jesus e lhe dava a força para cumprir o plano salvador do Pai em favor dos homens. Embora conscientes da nossa fragilidade, enfrentamos as dificuldades com a certeza da presença em nós do Espírito de Deus, que nos mostra o caminho a percorrer, que nos anima e que nos fortalece. Sentimos a presença reconfortante do Espírito nos momentos em que a dúvida, o medo e o desânimo nos batem à porta e ameaçam submergir-nos? Procuramos escutar a voz do Espírito e caminhar na direção que Ele nos aponta?
- Depois de testemunharem a partida de Jesus, os discípulos “voltaram para Jerusalém com grande alegria”. A alegria que brilha nos olhos e nos corações desses discípulos que testemunham a entrada definitiva de Jesus na vida de Deus tem de ser uma realidade que transparece na nossa vida e que contagia o nosso testemunho. Os seguidores de Jesus, iluminados pela fé, são chamados a testemunhar, com a sua alegria, que Jesus venceu a morte e o pecado e foi glorificado por Deus; são convidados a testemunhar, com a sua alegria, a certeza de que os espera, no final do caminho, a vida em plenitude, essa mesma vida onde Jesus já está; são chamados a testemunhar, com a sua alegria, que o projeto salvador e libertador de Deus está a atuar no mundo, está a transformar os corações e as mentes, está a fazer nascer, dia a dia, o Homem Novo. Somos testemunhas jubilosas de tudo isto no meio dos nossos irmãos? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** é marcada pelo tom narrativo da Ascensão de Jesus ao Céu diante dos Seus discípulos. Além do tom narrativo que deve marcar a proclamação da leitura, é necessária uma atenção especial às diversas intervenções de discurso direto, de modo particular à primeira – «*da qual – disse Ele – Me ouvistes falar (...)*» – pois logo após iniciar o discurso direto se indica o autor daquela intervenção.

Na **segunda leitura**, além das frases longas com diversas orações que são habituais na literatura paulina e que exigem um especial cuidado nas pausas e na respiração, é necessário ter em atenção as duas enumerações presentes no texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)